

Literaturas indígenas, educação e sonho: germinar mundos

Literaturas indígenas, educación y sueño: germinar mundos

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2021v39n83p141-155>

ALIK WUNDER¹

RESUMO: Como as palavras e as imagens dos diferentes povos poderiam intensificar nossas micropolíticas inventivas na educação? Procuo pensar nas micropolíticas indígenas dos processos de criação literária como “gêrmens de mundos” (ROLNIK, 2019, p. 26), como nos convida Suely Rolnik. Este texto se faz impulsionado pelo desejo de encontrar palavras que germinem mundos, desejo de que nossos movimentos na educação e na pesquisa em educação sejam de resistência a qualquer intenção de dominação dos corpos, de desprezo à vida, vidas humanas e não-humanas e de aniquilação da diferença. Busco pensar as potencialidades das histórias dos povos indígenas, desdobradas em literaturas, para trazer à educação uma conversa sobre o sonho; a literatura indígena contemporânea como um modo de encontrar e aprender com os sonhos ancestrais de diversos povos. Sonhos que sustentam as diversas estratégias de existência na floresta e de resistência desses povos às violências secularmente disparadas sobre eles. Sonhos que fazem parte da educação dos escritores e escritoras indígenas e que compõem seus modos de ver, criar e inventar novas histórias.

PALAVRAS-CHAVE: Povos indígenas; literatura; diferença.

RESUMEN: ¿Cómo podrían las palabras e imágenes de diferentes pueblos intensificar nuestras micropolíticas inventivas en educación? Intento pensar con la micropolítica indígena de los

1. Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP

processos de criação literaria, como “germen de mundos” (ROLNIK, 2019, p. 26), invitado por Suely Rolnik. Este texto está impulsado por el deseo de encontrar palabras que germinen mundos, el deseo de que nuestros movimientos en la educación y la investigación en educación se resistan a cualquier intención de dominar los cuerpos, el desprecio por la vida, las vidas humanas y no humanas y la aniquilación de la diferencia. Busco pensar en el potencial de las historias de los pueblos indígenas, desplegadas en la literatura, para llevar a la educación una conversación sobre el sueño. La literatura indígena contemporánea como forma de encontrar y aprender de los sueños ancestrales de diferentes pueblos. Sueños que sustentan las diferentes estrategias de existencia en la selva y la resistencia de estos pueblos a la violencia que se ha desatado sobre ellos durante siglos. Sueños que forman parte de la educación de los escritores indígenas y que configuran sus formas de ver, crear e inventar nuevas historias. PALABRAS CLAVE: Pueblos indígenas; literatura; diferencia.

Dedicado a Umusi Pārōkumu (Firmiano Lana), narrador e ilustrador do livro Antes o mundo não existia, que faleceu em 2020 em decorrência da Covid-19.

1. QUANDO A LITERATURA É NINHO DE MUNDOS OUTROS

Como as palavras e as imagens criadas pelos diferentes povos indígenas poderiam intensificar micropolíticas inventivas na educação? Como as literaturas indígenas poderiam disparar pensamentos e criações a partir dos sonhos? Realizamos pesquisas em educação e filosofia contemporânea com imagens das artes visuais, fotografia, cinema e literatura, e, nos últimos anos, temos feito imersões nas artes indígenas e afro-brasileiras. Na companhia dessas perguntas disparadoras temos realizado, no Coletivo *Fabulografias*², oficinas de criação com palavras e imagens que são encontros de leitura coletiva, escrita literária e experimentações fotográficas. Nesses movimentos com as literaturas e as artes visuais indígenas e negras, seguimos fertilizando pensamentos com sonhos, palavras e imagens de mundos outros, inventando micropolíticas para combater o preconceito e abrir horizontes de encontros férteis com a diferença.

Procuramos pensar as micropolíticas indígenas dos processos de criação literária como “gêrmens de mundos” (ROLNIK, 2019, p. 26), como nos convida Suely Rolnik em seu livro *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. Imersa

2. Coletivo ligado ao Laboratório de Estudos Audiovisuais – Olho, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

no pensamento guarani, Rolnik traz o sentido da palavra garganta para este povo: ñe'ê raity, que significa ninhos das palavras-alma, lugar onde germinam palavras novas. Pensando a partir desta ideia de palavra que nasce no corpo, a autora escreve:

Eles sabem que embriões de palavras emergem da fecundação do ar do tempo em nossos corpos em sua condição de viventes, e que, nesse caso, e só nele, as palavras têm alma, alma dos mundos atuais ou em gérmens que nos habitam nesta nossa condição [...] Eles sabem igualmente que há um tempo próprio para sua germinação e que, para que esta vingue, o ninho tem que ser cuidado (ROLNIK, 2019, p. 26-27).

Das palavras nascidas nas gargantas, das histórias contadas, surge um outro modo de escrever, um modo indígena. Narrativas ancestrais ganham nova vida na passagem da oralidade à escrita, palavras nascidas em corpos humanos passam ao corpo-papel, das gargantas – ninhos da palavra-alma – aos livros. Este artigo tem o desejo de encontrar na literatura indígena ninhos de mundos outros, palavras “embriões de futuros que se anunciem para além do sufoco” (ROLNIK, 2019, p. 27). E há também o desejo de gerar movimentos, na educação e na pesquisa em educação, de resistência e inventividade contra qualquer intenção de dominação dos corpos – das crianças, das mulheres, dos/as negros/as, das sexualidades, do/as indígenas –, de desprezo à vida (vidas humanas e não-humanas), e de aniquilação da diferença. Pensamos aqui em uma educação que intenciona a “construção de um comum” (ROLNIK, 2019, p. 141) com os mundos indígenas, que cria conexões com a diferença, que multiplica sentidos e experimenta a literatura como um entre-lugar do encontro.

A escrita deste artigo se mobiliza fortemente pela passagem do escritor indígena Daniel Munduruku, um dos principais movimentadores da literatura de autoria indígena no Brasil, como Professor Visitante na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas em 2018, onde atuou nos cursos de formação de professores, oferecendo a disciplina “Temática indígena na escola”. O escritor viveu até os nove anos em uma aldeia Munduruku, no estado do Pará, e depois se mudou para a cidade, onde teve uma escolarização católica. Nesse percurso, tornou-se estudante de filosofia, mestre e doutor em educação e pós-doutor em linguística. Daniel Munduruku trouxe à nossa universidade um pensamento singular, mergulhado nas cosmovisões e nas lutas dos povos indígenas e em constante diálogo com as diversas vertentes teóricas da filosofia, da educação e dos estudos literários. As suas palavras, na literatura e na docência, fluem com a força de um caudaloso rio,

abrindo caminhos, rompendo barreiras. Suas obras encharcadas de cosmovisões apresentam outras formas de conceber a educação, a natureza e a própria humanidade. Para além de suas narrativas, experiências de vida e conhecimentos, o autor nos possibilitou o encontro com livros de diversos escritores e escritoras indígenas contemporâneos. Tais livros atuaram como coisas vivas, afetando-nos em sua força proliferadora de imaginações. Realizamos, ao final de seu curso, uma oficina de criação de imagens – fotografias e colagens –, na perspectiva do Coletivo *Fabulografias*, a partir de algumas dessas obras literárias. Nessa experiência, as micropolíticas inventivas das literaturas indígenas ganharam potência e contagiaram criações imagéticas entre estudantes do curso, algumas delas apresentadas ao final deste artigo.

Consideramos que a proliferação destas histórias indígenas, pouco ouvidas e pouco consideradas como válidas, é uma forma de ação política no sentido de “afirmação de um direito que engloba todos os demais: o direito de existir, ou mais precisamente, o direito à vida em sua essência de potência criadora” (ROLNIK, 2019, p. 24). Neste texto, aceitamos o convite que as cosmovisões indígenas fazem à educação: abrir-se a uma conversa com as imagens dos sonhos. Neste gesto de aceite à “potência criadora” dos sonhos, a literatura indígena é pensada como um modo de encontrar e aprender com os sonhos ancestrais de diversos povos. Sonhos que são histórias milenares, narradas oralmente, cantadas e dançadas, que se desdobram em grafismos, em tecelagens, em desenhos, em literaturas que sustentam as diversas estratégias de existência na floresta e de resistência desses povos às violências secularmente disparadas sobre eles, que fazem parte da educação dos escritores e escritoras indígenas e que compõem seus modos de ver, criar e inventar novas histórias. Sonhos que são imagens.

A literatura indígena também dá passagem às vozes seculares silenciadas pela colonização. Graça Graúna, pesquisadora e escritora potiguara escreve: “a literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo de 500 anos de colonização” (GRAÚNA, 2013, p. 15). As histórias contadas oralmente em línguas diversas encontram, na escrita em língua portuguesa, uma brecha para criar desvios nos discursos coloniais, que produziram historicamente na literatura brasileira imagens genéricas e distorcidas dos povos indígenas. A literatura criada pelos/as escritores/as indígenas pode ser pensada como uma forma criativa e potente de ação política destes povos no mundo não-indígena, no sentido de apresentar outras perspectivas históricas, de denunciar violências, de compartilhar modos outros de viver e ver o mundo e, como propõe

Ailton Krenak, de “enriquecer nossas subjetividades” (KRENAK, 2019, p. 32). Os autores/as indígenas afirmam continuamente a relação intrínseca entre a literatura e a ação política. Daniel Munduruku, em suas pesquisas sobre o movimento indígena, estabelece essa relação direta entre a arte da escrita e a política:

Os escritores autorais indígenas vêm aparecer apenas na década de 1990. Surgem de forma tímida, mas vão ganhando forças na medida em que a sociedade brasileira vai se abrindo para receber a memória escrita de nossa gente. Esta abertura vai acontecer efetivamente a partir do ano de 2000, com o crescimento da demanda por textos de autoria indígena, principalmente em função da atuação no movimento indígena de pessoas que tinham maior compromisso com a memória escrita (MUNDURUKU, 2018, p. 63).

Essa entrada crescente de escritores/as indígenas na literatura brasileira pode ser compreendida como uma inventiva estratégia de atuação estética e política, desde dentro de um universo secularmente ocupado apenas pela elite branca. Além de Daniel Munduruku, Ailton Krenak e Graça Graúna, podemos citar outros nomes da literatura indígena contemporânea no Brasil: Davi Kopenawa, Umusi Pārōkumu (Firmiano Lana), Torāmu Kehíri (Luiz Lana), Kaká Werá Jekupé, Eliane Potiguara, Yaguarê Yamã, Olívio Jekupé, Roni Wasiry Guará, Cristino Wapichana, Ely Macuxi, Jaider Esbell, Aline Rochedo Pachamama, Aurita Tabajara, Denizia Kariri-Xocó, Edson Krenak, Jaime Diakara, Julie Dorrico, Márcia Wayna Kambeba, Sulamy Katy, Vāngri Kaingang, Werá Jeguaká Mirim, Ariabo Kezo, Ytanajé Coelho Cardoso e muitos/as outros/as. É especialmente na literatura infanto-juvenil que as histórias desses/as escritores/as vêm crescentemente ganhando espaços no campo editorial e, consequentemente, nas escolas. A ampliação e pluralização dos conhecimentos e representações sobre os povos indígenas entre os não-indígenas, nos últimos anos, deu-se fortemente devido a este movimento coletivo de pensadores/as e escritores/as.

Para a conversa sobre sonho e educação, lançamos um olhar para fragmentos de quatro obras da literatura indígena contemporânea: *A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015); *Antes o mundo não existia*, de Umusi Pārōkumu e Torāmu Kehíri (2019), *Parece que foi ontem*, de Daniel Munduruku (2017) e *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak (2019). As obras nos lançam, respectivamente, às cosmovisões dos povos indígenas Yanomami, Dessana, Munduruku e Krenak.

2. QUANDO UM XAMÃ SONHA

Davi Kopenawa, liderança do povo Yanomami, em *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (KOPENAWA; ALBERT, 2015), inicia a sua narrativa com a percepção da radical diferença entre a educação de seu povo e a educação dos não-indígenas. O livro é a autobiografia de um indígena amazônico que viveu o contato violento com o homem branco, epidemias e invasões de suas terras; que lutou pela demarcação da “Terra Indígena Yanomami” e que, no percorrer desta luta pela sobrevivência de seu povo e da floresta, tornou-se uma das maiores lideranças indígenas mundiais. A obra foi escrita com o antropólogo francês Bruce Albert, um amigo, que gravou conversas entre os dois durante mais de quinze anos. Os autores levaram mais alguns anos para transcrever, traduzir e organizar a obra, que é hoje referência internacional, tanto na literatura quanto na antropologia. Na leitura, entramos em contato com a desconcertante imagem dos não-indígenas, “povo da mercadoria”, narrada por um yanomami desde o susto do primeiro contato. Também é uma generosa narrativa da trajetória de um xamã, de sua formação desde criança na perspectiva da educação e do modo de viver de seu povo. Em um certo momento de sua vida, Kopenawa compreendeu que, para que suas palavras ganhassem força no mundo não-indígena, seria necessário que fossem colocadas em “peles de imagem”, em livros. Faz um combinado com seu amigo antropólogo e assim nasce o livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, repleto de palavras afiadas e certeiras como flechas direcionadas aos não-indígenas.

As primeiras palavras do livro falam de uma diferença ontológica entre a educação do povo Yanomami e a educação escolar moderna:

Faz muito tempo, você veio viver entre nós e falava como um fantasma. Aos poucos, você foi aprendendo a imitar minha língua e a rir conosco. Nós éramos jovens, e no começo você não me conhecia. Nossos pensamentos e nossas vidas são diferentes, porque você é filho dessa outra gente, que chamamos de *napë*. Seus professores não o haviam ensinado a sonhar, como nós fazemos (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 63).

Os *napë* não ensinam a sonhar, como fazem os Yanomami. Na companhia deste olhar agudo de um xamã amazônico sobre nós, teço relações entre literatura indígena, educação e sonho. No entanto, é importante abrir as palavras e multiplicar seus sentidos. Kopenawa não nos fala de um sonhar como expressão de desejos individuais para o futuro ou de imagens inconscientes a serem interpretadas. O sonho para os Yanomami parece ter sempre uma substância coletiva, está sempre entrelaçado a uma

coletividade ampliada que envolve seres humanos e não-humanos: gentes, macacos, onças, montanhas, queixadas, marimbondos, árvores, pássaros, gente que mora embaixo de rios, antepassados e espíritos da floresta, chamados de *xapiris* pelos Yanomami. Os sonhos são as imagens que se recebe quando se dorme e também quando o pajé faz uso de substâncias para conversar com a floresta. Davi Kopenawa, no texto “Sonhos das origens”, nos oferece potentes imagens dos sonhos dos xamãs yanomami:

“Os espíritos *xapiripë* dançam para os xamãs desde o primeiro tempo e assim continuam até hoje. Eles parecem seres humanos, mas são tão minúsculos quanto partículas de poeira cintilantes. Para poder vê-los deve-se inalar o pó da árvore *yākōanahi* muitas e muitas vezes. Leva tanto tempo quanto para os brancos aprender o desenho de suas palavras. O pó do *yākōanahi* é a comida dos espíritos. Quem não o “bebe” assim fica com olhos de fantasma e não vê nada. Os *xapiripë* dançam juntos sobre grandes espelhos que descem do céu. Nunca são cinzentos como os humanos. São sempre magníficos: o corpo pintado de urucum e percorrido de desenhos pretos, suas cabeças cobertas de plumas brancas de urubu rei, suas braçadeiras de miçangas repletas de plumas de papagaios, de *cujubim* e de arara vermelha, a cintura envolta de rabos de tucanos. Milhares deles chegam para dançar juntos, agitando folhas de palmeiras novas, soltando gritos de alegria e cantando sem parar. Seus caminhos parecem fios de aranhas brilhando como a luz do luar e seus ornamentos de plumas mexem lentamente ao ritmo de seus passos. Dá alegria de ver quanto são bonitos!” (KOPENAWA, 2021, [n.p])

Uma floresta cintilante que dança: pequenos humanos como poeiras cintilantes, espelhos que descem do céu, caminhos que parecem fios de aranhas brilhando ao luar, espelhos que brotam sempre de novo. Imagens que nos invadem e nos oferecem uma outra imagem de floresta e de vida. É pelos sonhos que os Yanomami são educados para atravessarem estas imagens com segurança e sabedoria. O sonho é uma conversa contínua com os seres ancestrais da floresta. A floresta yanomami é diferente daquela que aprendemos nas aulas de biologia nas escolas, é material e imaterial, orgânica e não-orgânica, não é um recurso natural ou objeto de pesquisa, é repleta de subjetividades que a todo tempo ensinam. Para os Yanomami, são os *xapiri* que fazem a comunicação de conhecimentos por meio de imagens e sons, e é pelo sonho que se aprende a pensar, a lidar com as palavras e a continuar sonhando:

É assim que, apesar de muito antigas, as palavras dos *xapiripë* sempre voltam a ser novas. São elas que aumentam nossos pensamentos. São elas que nos fazem ver

e conhecer as coisas de longe, as coisas dos antigos. É o nosso estudo, o que nos ensina a sonhar. Deste modo, quem não bebe o sopro dos espíritos tem o pensamento curto e enfumaçado; quem não é olhado pelos *xapiripë* não sonha, só dorme como um machado no chão” (KOPENAWA, 2021, [n.p]).

A diferença perceptiva das diversas formas de vida do planeta como uma multiplicidade de entes que ensinam produz ontologicamente relações radicalmente distintas com as outras formas de vida. Em um trecho de *A queda do céu*, Kopenawa e Albert (2015) nos contam de uma árvore imensa, onde os infinitos cantos da floresta são oferecidos aos pássaros-espíritos em ninhos suspensos; os cantos são entregues aos xamãs e depois cantados por estes às outras pessoas da aldeia, nos momentos de ritual. Cantos infinitos são oferecidos por uma árvore, passam por múltiplos seres, visíveis e invisíveis, em um sonho coletivo do qual os Yanomami são apenas parte. O xamã é o mensageiro dessa sabedoria que se faz numa contínua conversação com os múltiplos seres da floresta.

O pensador e ambientalista Ailton Krenak, em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), também nos oferece uma imagem de sonho que não tem a ver com a ideia de distanciamento do senso de realidade, como costumamos conceber no mundo não-indígena. O sonho faz parte da vida cotidiana, indica caminhos, orienta relações, avisa sobre os perigos e os bons encontros:

Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades. Fiquei muito apaziguado comigo mesmo hoje à tarde quando mais de uma colega que aqui falaram trouxeram a referência a essa instituição do sonho não como uma experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que têm no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com outras pessoas (KRENAK, 2019, p. 52).

Entre os Yanomami, os Krenak e muitos outros povos, o sonho é um caminho de aprendizado, de conversação e de conhecimento. O sonho para os povos indígenas não é colocado em um lugar de oposição ao que chamamos de realidade, é parte

da realidade, substância imaterial e constitutiva da vida. São os cantos e as histórias contadas de gerações em gerações que fertilizam a memória dos sonhos, que se tornam, ao mesmo tempo, individuais e coletivos, contemporâneos e ancestrais.

3. QUANDO O MUNDO É O SONHO DE UMA MULHER

Cada povo tem sua narrativa de princípio do mundo. As histórias de criação dos 304 povos indígenas brasileiros expressam suas formas outras de habitar o mundo, ou melhor seria dizer, expressam os outros mundos que os diversos povos indígenas criam ao habitá-lo. São outros sonhos de começo que, quem sabe, podem alimentar nossos imaginários para sonharmos outros futuros. Para o povo Dessana, que vive no noroeste do estado do Amazonas, próximo à cabeceira do Rio Negro, o mundo foi criado por uma mulher: *Yebá Buhró*, a “Avó do mundo”. O mundo é o sonho de uma mulher, que criou a si mesma desde a escuridão. O livro *Antes o mundo não existia* (PĀRŌKUMU; KEHÍRI, 2019) foi narrado em língua dessana, transcrito, traduzido para o português por Firmiano Arantes Lana (Umusi Pārōkumu) e Luiz Gomes Lana (Torāmu Kehíri), pai e filho. É um dos primeiros livros de narrativa mitológica de autoria indígena no Brasil, publicado primeiramente em 1980 com apoio da antropóloga Berta Ribeiro e ilustrado por Firmiano Lana:

Antes o mundo não existia. A escuridão cobria tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio da escuridão. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela cobriu-se com seus enfeites e fez como um quarto (PĀRŌKUMU; KEHÍRI, 2019, p. 11).

Na narrativa de criação do povo Dessana, a vida se faz na relação entre o escuro, uma mulher e um conjunto de coisas. A mulher aparece acompanhada por um banco de cristal, uma cuia de farinha de tapioca, um suporte de cuia, folhas de *ipadu*, um cigarro e uma forquilha para segurá-lo. Junto com estas coisas, a *Yebá Buhró*, também chamada de a “Não criada”, sentada em seu banco, fuma, come o *ipadu* e cria o “Quarto de Quartzo Branco”. Dentro desse espaço cristalino, pensa sobre o futuro do mundo e dos seres. A vida é gerada a partir de um fluxo criativo entre uma mulher e coisas. É uma imagem que se distingue radicalmente da lógica judaico-cristã, na qual a vida é resultado de uma ação externa. Além de externo ao mundo material, o deus cristão é masculino e realiza sozinho sua criação. A imagem de um mundo criado por uma mulher que se cria a si

mesma coloca a mulher em um lugar bastante distinto daquele da mitologia bíblica. Essa imagem de criação também se distingue do pensamento moderno, imerso nas bases judaico-cristãs e acentuado pela lógica capitalista, na qual a vida está sob o domínio de uma humanidade que se vê como gerenciadora de um mundo todo objetivado. Na mitologia dessana, os seres/coisas não-humanas fazem parte da criação do mundo, são subjetividades outras e não recursos à disposição das/os humanas/os. Nessa outra lógica ontogênica, os seres/coisas do cosmos têm perspectiva e se comunicam entre si e com a humanidade que faz parte dos movimentos da co-criação da vida. E o sonho da criação continua, na narrativa, a nos oferecer férteis imagens:

Enquanto ela estava pensando em seu Quarto de Quartzo Branco, começou a levantar algo, como se fosse uma esfera e, em cima dela, apareceu uma espécie de pico. Isso aconteceu com o seu pensamento. A esfera, enquanto estava se levantando, envolveu a escuridão, de maneira que esta ficou dentro dele. A esfera era o mundo. Não havia ainda a luz. Só no Quarto de Quartzo Branco dela toda havia a luz. Tendo feito isto, ela chamou a esfera de “Maloca do Universo” (PĀRŌKUMU; KEHÍRI, 2019, p. 12).

Um infinito de escuridão e um ponto de luz: um quarto de cristal branco, onde uma mulher sonha como poderia ser o mundo, a “Maloca do Universo”. Uma mulher cria o universo e faz dele sua casa (maloca). E a história continua com a criação de cinco homens, os “Irmãos do Mundo”, os Trovões. Cada um recebe uma maloca e é convidado a continuar a criação: “gerei vocês para criarem o mundo. Pensem agora como fazer a luz, os rios e a futura humanidade”. A história continua com encontros, desencontros, criação de diversas malocas, as “Malocas da Transformação” e uma cobra-canoa, chamada de “Canoa da Transformação”, que viaja por baixo da terra, criando os rios, e dá origem a toda diversidade de gentes e povos. Uma grande diversidade de seres é criada pelos irmãos e netos da “Avó do Mundo”. A criação do mundo é coletiva, é complexa, é caótica, repleta de acontecimentos inusitados para *Yebá Buhró*, que não tem controle total de suas criações. Por vezes, ela imagina mundos que não conseguem se realizar; por vezes, o que acontece não passou por seus planos iniciais. O mundo se recria a cada página do livro *Antes o mundo não existia*, uma coisa vira outra, gente vira montanha, enfeite vira gente. A história nos oferece uma potente imagem de vida em constante transformação. A vida nasce do sonho de uma mulher que é, ao

mesmo tempo, criadora e criatura, e em seu mundo nada é essencial, tudo está em constante metamorfose, o mundo germina sempre.

4. QUANDO “EDUCAR É FAZER SONHAR”³

Daniel Munduruku, em muitos de seus livros, tem as memórias de seu avô como a principal fonte de sua força criativa. No livro de ensaios intitulado *Daniel Munduruku* (2018), o autor discorre sobre um aspecto da educação do seu povo: a compreensão de que o sonho é uma linguagem, uma comunicação que fazemos conosco e com o mundo, ao mesmo tempo:

Meu avô dizia ser a linguagem que nos permite falar conosco mesmos. Dizia também que não dormimos para descansar, mas para sonhar e conhecer os desejos deles, desses seres que nos habitam. Para ele, o sonho era a nossa garantia de verdade. Para mim o sonho sempre será locus onde as histórias ganham realidade. [...] É através do sonho que lembramos que somos parentes de todos os seres vivos que co-habitam conosco este planeta” (MUNDURUKU, 2018, p. 75).

De modo semelhante a Davi Kopenawa e Ailton Krenak, Munduruku traz o sonho como uma conversação aberta e contínua com um mundo repleto de subjetividades não-humanas e como um modo de perceber-se parte da malha que envolve as diversas formas de vida. A dimensão do sonho como uma experiência individual e coletiva, humana e não-humana, ao mesmo tempo, se reafirma nas palavras de Munduruku. Ao sonhar, aprende-se com todos os demais seres vivos e, como diz Ailton Krenak, essa “disciplina” resulta na “aplicação desse conhecimento na interação com o mundo e com outras pessoas” (KRENAK, 2019, p. 52). Os sonhos, para os povos indígenas, parecem forçar uma mudança de perspectiva e abrir a possibilidade de uma nova atenção do olhar e da escuta. Por eles, aprende-se a estar atento ao movimento da vida e à comunicação que se dá por sons e imagens. A educação tem uma dimensão ampliada, os aprendizados acontecem com todas as coisas do mundo e isso requer atenção às linguagens não-humanas numa conversação e aprendizagem com um mundo animado.

3. MUNDURUKU, 2018, p. 67.

O livro *Parece que foi ontem*, de Daniel Munduruku (2006), tece poeticamente os fios de uma humanidade conectada e em conversação com o cosmos. A narrativa é uma memória de infância, a escuta de histórias ao pé do fogo:

O céu cheio de estrelas. Grandes e pequenas, fortes e fracas. Algumas piscam lembrando o passado. Outras estão apenas lá como a nos lembrar no futuro. No meio da roda o fogo, irmão de outras eras. Libera faíscas, irmãs das estrelas. Soprando suavemente, o vento, o irmão-memória, vem trazendo as histórias de outros lugares. Sob nossos pés está a mãe de todos nós, a terra, acolhedora. Sempre pronta, sempre mãe, sempre a nos lembrar que somos fios na teia. De repente o falatório humano cessa. Um velho entra na roda. Tem passos lentos, suaves, de quem não deixa rastros. O fogo, o vento, a terra se animam. Nos calamos. O homem se senta num banquinho e olha ao redor. Canta suavemente, sem pressa, como um sussurro. Fala com os espíritos numa linguagem antiga. Ouve-se o fogo responder com estalidos quase musicais. [...] O sábio vai para o centro da roda e conversa com o fogo, com o vento, com a terra, com a água, enquanto todos nós mantemos firmes em nosso cântico, única certeza que temos de manter o céu suspenso. [...] “Nossa dança nos mostra que somos iguais. Velhos, homens e mulheres maduros, jovens e crianças, somos todos importantes como o são a Terra, a Água, o Vento e o Fogo, nossos irmãos primeiros” (MUNDURUKU, 2006, [s.p]).

Enquanto conta, o velho silencia e se comunica com o vento, o fogo, a água e a terra. Pelos sons, formas, brilhos, sombras e luzes, a conversa acontece, a criança observa e, nesse momento, sonha acordada, em estado de encantamento. A história, em seus detalhes, apresenta uma ontologia de pensamento e ética de convivência em que a humanidade é irmã de todos os demais seres. “O fogo, o vento, a terra se animam. Nos calamos”. Tudo é vivo e animado. O fogo – “irmão de outras eras”, o vento – “o irmão-memória”. Tudo se comunica, fala e escuta. “Somos todos importantes como o são a Terra, a Água, o Vento e o Fogo, nossos irmãos primeiros”. Tudo importa, todos importam. A narrativa do povo Dessana *Antes o mundo não existia* traz também esta dimensão animada das coisas e dos seres. Desde a criação do mundo, a humanidade é constantemente metamorfoseada em animais e em objetos, que criam o mundo junto com *Yebá Buró*. O mundo dessana está sempre em movimento e construção. Tim Ingold, antropólogo e estudioso do pensamento anímico, defende que essa perspectiva dos povos indígenas nos lança “na direção de um mundo ainda não formado – um mundo no qual as coisas ainda não estão

prontas, são sempre incipientes no limiar da emergência contínua” (INGOLD, 2016, p. 408). Sonhar e estar atento ao que o mundo comunica o tempo todo é fazer parte desta “emergência contínua”, desta criação de vida que não cessa.

A obra *Parece que foi ontem* foi uma das escolhidas pelos estudantes da disciplina oferecida por Daniel Munduruku na Unicamp, para realizarmos oficinas de criação com imagens – fotografias, desenhos e colagens. Iniciamos com a leitura coletiva em voz alta, sentados em roda, deixamos as palavras escritas passarem por nossas gargantas, ganharem vida no timbre de cada voz e de cada pausa. Cada pessoa escolheu uma frase do livro e foi convidada a realizar um exercício fotográfico a partir dessas palavras. O fotografar como exercício de atenção aos detalhes do mundo, aos seres que compõem o jardim da faculdade, às formas das coisas – sementes, conchas, folhas, imagens, artefatos indígenas – dispostos em um grande tecido branco no chão da sala de aula. Foram horas de silêncio e de relação com as coisas e seres, as palavras do livro foram as guias dessa trajetória. Em outro encontro, com as imagens impressas em papel fotográfico, no enveredamos por criações outras: colagens e desenhos sobre as fotografias.



Imagem 1: montagem de imagens criadas na oficina de criação a partir do livro Parece que foi ontem – acervo da autora – 2018. Autoria das imagens: Victor Iwakami, Ana Carolina Brambilla, Edilene Alves, Davina Marques (da esquerda para a direita).

Imagens-sonho foram criadas na ressonância das palavras poéticas da história. Surgiram imagens que descentralizam a figura humana misturando-a às formas das árvores e do chão, despregadas das referências da visão cotidiana. A literatura trouxe à fotografia, linguagem tão marcada pelo senso documental da realidade, a força da fabulação, dos brilhos, das formas, das linhas, das cores e texturas. Foram exercícios de sonhar de olhos abertos, de se encantar com os detalhes do mundo e de criar imagens como quem sonha.

As literaturas indígenas falam de modos seculares de educar e nos dão a pensar sobre outras formas possíveis de nos relacionar, aprender e criar com os demais seres viventes do planeta; convidam a educação a reativar “micropolíticas de potencialização da vida” (ROLNIK, 2019), de todas as vidas, não apenas a humana. Acolher essas histórias como narrativas possíveis e verdadeiras (e não como lendas) e considerar que diversas visões/escutas de mundo possam coexistir e interagir é um modo de nos implicarmos com o que Suely Rolnik chama de “descolonização do inconsciente”:

Um trabalho sutil e complexo de cada um e de muitos que só se interrompe com a morte; ela nunca está dada de uma vez por todas. Mas cada vez que se consegue dar um passo adiante nesta direção é mais uma partícula do regime dominante, em nós e fora de nós, que se dissolve e isso tem poder de propagação (ROLNIK, 2019, p. 144-145).

Propagar no mundo uma escuta atenta aos modos diversos de conceber a vida é uma forma de descolonizar regimes conceituais na educação. Dissolver narrativas uníssonas, propagar outras histórias, criar com elas, é dar passagem aos “gêrmens de mundos”, é entrar “no movimento de desterritorialização que tais germens de mundo disparam; e guiados por essa escuta e essa implicação, criar uma expressão para aquilo que pede passagem” (ROLNIK, 2019, p. 91). Dar passagem, “em nós e fora de nós”, aos sonhos ancestrais é um modo de gerar combates inventivos contra todas as formas de homogeneização do pensamento e das existências. Escutar e implicar-se, criar um comum. Sonhos compartilhados criam um comum, nos lançam a seguir sonhando, criando imagens e palavras outras, “embriões de futuros” em nossas gargantas, em nossos olhos, em nossas mãos, em nossos pensamentos e imaginações; nos lançam a seguir diferindo, nos metamorfoseando constantemente como faz *Yebá Buhró*.

REFERÊNCIAS

- GRAÚNA, G. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Mazza, 2013.
- MUNDURUKU, D. *Daniel Munduruku*. Rio de Janeiro: Azougue, 2018. Coleção Tembete.
- MUNDURUKU, D. *Parece que foi ontem*. São Paulo: Global, 2006.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KOPENAWA, D. *Sonho das origens*. Instituto Socioambiental. Site Povos Indígenas do Brasil, 2021, [n.p]. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Sonho_das_origens/Descobrimos_os_Brancos. Acesso em: agosto de 2021.
- INGOLD, T. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação*, Porto Alegre/RS, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- PĀRÖKUMU, U.; KEHÍRI, T. *Antes o mundo não existia – Mitologia Hehíripõrã Dessana*. Rio de Janeiro: Dantes, 2019.
- ROLNIK, S. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1, 2019.

SOBRE A AUTORA

Alik Wunder é professora no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte da UNICAMP. Linha de Pesquisa: Linguagem e Arte em Educação. Grupo de Pesquisa: Laboratório de Estudos Audiovisuais – OLHO. *E-mail*: alick.wunder@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2336-7000>.

Texto aprovado em 22/11/2021.